

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



A linha da brandura

► **Dilma Rousseff e Lula parecem estar bem sintonizados no propósito de perdoar os agressores golpistas. Ainda acreditam em conciliação?**

"Eu roubo pela coroa"
(De um parlamentar que rouba pela República)

Ao encerrar a caravana de sete dias de viagem por Minas Gerais, Lula desceu do palanque na capital do estado, Belo Horizonte, e deixou para trás uma bomba política para explodir dentro do PT, ao propor o perdão para os que apoiaram o golpe, o *impeachment* e destituíram a presidenta Dilma Rousseff.



Dilma na Alemanha:
"Quem bateu panela acabou por se dar conta de que não estava salvando o Brasil"

Dilma, em viagem política pela Europa, enfrentou tranquilamente a pergunta feita a partir da proposta de Lula. Ela respondeu: "O Brasil precisa se reencontrar". Na sequência da resposta, acrescentou que o PT não deve ter espírito vingativo nas próximas eleições.

Eleita democraticamente pelas urnas, ela, talvez com alguma ironia, reafirmou o remédio: "Perdoar a pessoa que bateu panela achando que estava salvando o Brasil, e que depois se deu conta de que não estava".

Resta hoje o choro e o ranger de dentes. Um sentimento de reação à esquerda e entre alguns militantes petistas. Lula propõe acabar com isso e se dispõe a enfrentar a Justiça. É o caso de esquecer o resto. A história aponta um caminho para o ex-presidente.

Em 1950, o líder comunista Luís Carlos Prestes saiu da cadeia e foi imediatamente para o palanque de Getúlio Vargas, que então disputava a Presidência da República. Prestes, comprometido com a esquerda, sabia onde esta morava e onde residia a direita.

Situação semelhante ocorreu em 2002, quando foi escolhido o empresário José Alencar para vice-presidente na chapa de Lula e o petista buscava, então, amenizar as forças conservadoras contra o PT. Deu certo ao longo de dois mandatos de Lula e no primeiro mandato de Dilma, interrompido o segundo pelo golpe de 2016.

Nesse sentido de apaziguamento, os propósitos de Lula parecem ser os mesmos. Os números das pesquisas mostram que o petista está acima de 40% e pode ampliar o apoio. Bastaria para tanto a adesão de porções da classe média. Cabe-lhes fazer a opção. No entanto, esta linha de brandura cristã já não deu certo. •



Sarney, uma fora e outra dentro

Na conta de Sarney

Durou pouco a indicação do embaixador João Carlos de Souza Gomes, abençoado por Michel Temer e designado em 2016 para a FAO, entidade da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Ele foi chamado de volta ao Brasil para responder a uma sindicância interna no Itamaraty sob acusação de assédio sexual com funcionárias.

Souza Gomes, também conhecido como João do Pulo, fez uma carreira rapidíssima no Itamaraty. Saltou rapidamente da função de terceiro-secretário para segundo, e de segundo para primeiro. Velocidade assim só mesmo com a proteção do inenarrável José Sarney, também responsável pela indicação de Fernando Segóvia, o novo diretor da Polícia Federal.

Vai passar?

O governador Geraldo Alckmin, ovacionado pelo PSDB paulista, acredita ter consolidado sua

candidatura à eleição presidencial em 2018. Há dúvidas entre os tucanos sobre o desempenho eleitoral dele nas circunstâncias de hoje.

Em 2006, Alckmin disputou e perdeu a Presidência para Lula. Ganhou somente em sete estados. Caso passe pelo filtro interno do partido, deve disputar novamente com Lula, se o ex-presidente superar os obstáculos erguidos pelo juiz Sergio Moro.

Voto de Alckmin

Alckmin ocupa pela quarta vez o Palácio dos Bandeirantes.

Parece, no entanto, que não deixou qualquer lembrança da malsucedida campanha presidencial de 2006 em algumas regiões do País. Pesquisa recente é capaz de deixar qualquer tucano preocupado.

O Ibope perguntou ao eleitor: “Se a eleição fosse hoje, em quem votaria para presidente da República?” A resposta espontânea indicou algumas

surpresas. Em duas regiões do Brasil, Alckmin não alcançou pontuação: 0% no Nordeste e 0% no Sul.

Na periferia das cidades também ficou com 0% entre os que ganham de dois a cinco salários mínimos; 0% até 1 salário mínimo e 0% entre as mulheres de 16 a 34 anos.

Foi de 1% o total da intenção de voto no governador paulista no País.

Efervescência

A Operação Cadeia Velha, extensão da Lava Jato desencana no Rio de Janeiro, exterminou a vida política do PMDB fluminense.

Desaparecem, assim, Sérgio Cabral, ex-governador, Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara, Jorge Picciani, presidente da Assembleia Legislativa, Luiz Fernando Pezão, atual governador, e o ex-prefeito carioca Eduardo Paes, que, provavelmente, lamenta o fim da possibilidade de disputar o governo do estado.

Sobra apenas um peemedebista carioca, Moreira Franco, ministro de Temer, sujeito a ser preso quando sair do poder.

Os medrosos

“Desse jeito, vamos dar a Presidência ao Lula em 2018”, diz Aloysio Nunes Ferreira, senador tucano atualmente encostado no Ministério das Relações Exteriores. Ele se engana. Só quem pode dar ou tirar a eleição de um ex-presidente é o eleitor. O resto é golpe.

Ponto fraco

As pesquisas apontam uma consistência na votação de Jair Bolsonaro, aspirante à candidatura presidencial. Os eleitores dele transitam de 13% a 15% das intenções de voto. Mas param por aí. Não será surpresa se ele der uma guinada brusca e resolver tentar vaga para o Senado. Bolsonaro tem muitas chances de ser eleito senador.

mauriciodias@cartacapital.com.br